

# O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

**Atena**  
Editora  
Ano 2021



**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)

**NO FOMENTO DA  
QUESTÃO POLÍTICA  
DA ATUALIDADE 4**

# O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

**Atena**  
Editora  
Ano 2021



**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)

**NO FOMENTO DA  
QUESTÃO POLÍTICA  
DA ATUALIDADE 4**

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 4

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198 O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-931-8

DOI 10.22533/at.ed.318212503

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

  
**Atena**  
Editora  
Ano 2021

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Temos vivenciado, ao longo dos últimos anos, inúmeros ataques a Educação brasileira; investidas que têm ocasionado retrocessos. O contexto pandêmico alimentou essa crise que já existia, escancarando o quanto a Educação no Brasil acaba sendo uma reprodutora de desigualdades. As interferências externas e investidas do mercado tentam, a todo custo, subordinar a Educação e atividade docente a uma lógica neoliberal de produção (TARDIF; LESSARD, 2005). Nesse sentido, precisamos nos mobilizar e a **indignação** e **esperança** configuram-se como duas categorias importantes nesse processo.

Diante desse cenário, como dissemos, de muitos retrocessos, negacionismo e investidas neoliberais, não podemos nos furtar do debate político e social, tão importante nesse momento que vivemos destrato a Educação, sucateamento do trabalho docente e exclusão de estudantes, por exemplo. Como nos alertou Freire (2004, p. 28), para além de ensinar com rigorosidade metódica a sua disciplina, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Precisamos considerar esses elementos sociais e políticos necessários no movimento de formar cidadãos indignados e esperançosos que desconstruam os discursos fatalistas.

É nessa direção que o volume de “***O Campo Teórico-metodológico-epistemológico da Educação no Fomento da Questão Política da Atualidade***”, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e do (re)pensar o campo educacional, assim como também da prática, da atuação política e do papel social do docente. Este livro reúne um conjunto de textos de autores de diferentes estados e regiões e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, democracia, humanização, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, avaliação entre outros. O fazer educacional, que reverbera nas escritas dos capítulos que compõe essa obra, constitui-se enquanto um ato social e político.

Os autores que constroem esse volume são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e no se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos uma produtiva, indignante e esperançosa leitura!

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO: NOTAS SOBRE ESTUDOS BRASILEIROS E PORTUGUESES               |           |
| Lidnei Ventura   |           |
| Betina da Silva Lopes  |           |
| Tânia Regina da Rocha Unglaub  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.3182125031</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>12</b> |
| CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE VIDA NA ESCOLA PÚBLICA EM TEMPOS DE PANDEMIA           |           |
| Nara Fernandes dos Santos  |           |
| Janeide Ferreira Lopes   |           |
| Wendell Batista dos Santos   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.3182125032</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>23</b> |
| EXPERIENCIA EN LA ENSEÑANZA DE LA METODOLOGÍA CUALITATIVA EN POSGRADO              |           |
| José David Alarcón Araneda   |           |
| Marco Antonio Orellana Basáes  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.3182125033</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>30</b> |
| O ENSINO COLABORATIVO COMO APOIO À INCLUSÃO  |           |
| Joycy Beatriz Moreira Maia   |           |
| Marília Carollyne Soares de Amorim   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.3182125034</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>37</b> |
| UM OLHAR PARA O AUTISMO EM DEFESA DA APRENDIZAGEM                                  |           |
| Simone Maia Guerra   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.3182125035</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>49</b> |
| MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA LIDERADOS POR SERVIDORES DO IFSC – CAMPUS LAGES  |           |
| Magali Inês Pessini  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.3182125036</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....  | <b>53</b> |
| A SATISFAÇÃO DOS DISCENTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DO IFAM-CAMPUS PARINTINS |           |
| Kleber de Britto Souza   |           |
| Vivian Carolayne Falcão de Almeida   |           |

Gerson Teixeira Cardoso Filho  
DOI 10.22533/at.ed.3182125037

**CAPÍTULO 8..... 63**

AS DIFICULDADES DOS ACADÊMICOS NOS CURSOS DE ENGENHARIA, LICENCIATURA EM QUÍMICA E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO NA DISCIPLINA DE CÁLCULO, NO TURNO NOTURNO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NA CIDADE DE MANAUS

Jefferson Emilio Maciel da Silva  
Roneuane Grazielle da Gama Araújo  
DOI 10.22533/at.ed.3182125038

**CAPÍTULO 9..... 82**

INTERDISCIPLINARIDADE E APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS (ABP): UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Daniel Franz Reich Magalhães  
DOI 10.22533/at.ed.3182125039

**CAPÍTULO 10..... 90**

APRENDIZAGEM, UMA “MEDIÇÃO”: CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY

Vanessa Steigleder Neubauer  
Ieda Márcia Donati Linck  
DOI 10.22533/at.ed.31821250310

**CAPÍTULO 11..... 99**

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID): UM ESTUDO SOBRE AS DIFERENTES METODOLOGIAS DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniele Gonçalves Lisbôa Gross  
Iron Martins Lisboa Júnior  
Wylker Souza Saraiva  
Jackson Carlos da Silva  
Getulio Gleicer  
Anna Karoline Nogueira de Santana  
Flávio Moura de Sousa  
Rhuam Pablo Ferreira da Silva  
Maise Bruna Morais  
DOI 10.22533/at.ed.31821250311

**CAPÍTULO 12..... 113**

A EDUCAÇÃO INFANTIL (PRÉ-ESCOLA) NA PERSPECTIVA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Marciana Duarte de Oliveira  
Katia Gonçalves Castor  
DOI 10.22533/at.ed.31821250312

**CAPÍTULO 13..... 132**

**RITALINA COMO MEDICALIZAÇÃO (DES)NECESSÁRIA NOS ALUNOS DE 1º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA INCIDÊNCIA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Adriana Ferreira Rufino Gonçalves

Iacrisiane Custodio Ferreira

Marta Regina Rossoni

**DOI 10.22533/at.ed.31821250313**

**CAPÍTULO 14..... 137**

**A PRESENÇA DA INFORMÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DAS EMENTAS CURRICULARES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM BELÉM/PA**

Helen do Socorro Rodrigues Dias

Gustavo Nogueira Dias

Vanessa Mayara Souza Pamplona

Cássio Pinho dos Reis

Wagner Davy Lucas Barreto

Alessandra Epifanio Rodrigues

Jamille Carla Oliveira Araújo

Ana Paula Ignácio Pontes Leal

Rondineli Carneiro Loureiro

Fabricio da Silva Lobato

José Carlos Barros de Souza Júnior

Washington Luiz da Silva Junior

**DOI 10.22533/at.ed.31821250314**

**CAPÍTULO 15..... 146**

**O ENSINO DA MATEMÁTICA NA PERSPECTIVA DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS: UMA EXPERIÊNCIA COM FORMAÇÃO CONTINUADA NA COMUNIDADE DE TARACUÁ –SÃO GABRIEL DA CAHOEIRA**

Rosilei Cardozo Moreira

Rauciele da Silva Cazuzza

Felipe Arante Matos

**DOI 10.22533/at.ed.31821250315**

**CAPÍTULO 16..... 155**

**UM OLHAR SOBRE ESPAÇO E MATERIAIS: RELATO DE UMA VIAGEM POR INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA EM MAPUTO**

Paula Cristina Pacheco Medeiros

Maria Clara de Faria Guedes Vaz Craveiro

Brigite Carvalho da Silva

Ana Cristina Dias Pinheiro

Ana Isabel Ramos da Cunha

**DOI 10.22533/at.ed.31821250316**

**CAPÍTULO 17..... 171**

**OS CONTEÚDOS E AS DIMENSÕES DE CONHECIMENTO NA BASE NACIONAL**

## COMUM CURRICULAR NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniele Gonçalves Lisbôa Gross

Maurício Pereira da Silva

Elson Pereira Camargo

Jackson Carlos da Silva

João Bartholomeu Neto

Flávio Moura de Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.31821250317**

## **CAPÍTULO 18..... 184**

### O LÚDICO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS

Renan da Silva Martins

**DOI 10.22533/at.ed.31821250318**

## **CAPÍTULO 19..... 195**

### UMA EXPEDIÇÃO VIRTUAL AOS BIOMAS DO RIO GRANDE DO SUL UTILIZANDO UMA *WEBQUEST*

Vanessa Silva de Brito Bandeira

Ticiane da Rosa Osório

Márcio Marques Martins

**DOI 10.22533/at.ed.31821250319**

## **CAPÍTULO 20..... 206**

### O PODER SIMBÓLICO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Nathália Gatto Justen

**DOI 10.22533/at.ed.31821250320**

## **CAPÍTULO 21..... 221**

### PARADIGMAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Vanessa Minuzzi Bidinoto

Maria Guiomar Carneiro Tommasiello

**DOI 10.22533/at.ed.31821250321**

## **CAPÍTULO 22..... 235**

### MUNDO MISTÉRIO

Luisa Maria Nunes da Cunha

Karla Rosane do Amaral Demoly

Bruno de Sousa Monteiro

**DOI 10.22533/at.ed.31821250322**

## **CAPÍTULO 23..... 247**

### AVALIAÇÃO PRELIMINAR DE MICROPROPAGACÃO DE MERISTEMAS DE BANANAS (*Musa spp.*) VARIEDADE MAÇÃ

Tomas Cássio de Caires Lima

Matheus Cesar da Silva Pereira

Rodrigo Batista

Cynthia Venâncio Ikefuti

Uderlei Doniseti Silveira Covizzi

DOI 10.22533/at.ed.31821250323

|                                 |            |
|---------------------------------|------------|
| <b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b> | <b>253</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>    | <b>254</b> |

# CAPÍTULO 5

## UM OLHAR PARA O AUTISMO EM DEFESA DA APRENDIZAGEM

*Data de aceite: 22/03/2021*

*Data de submissão: 26/12/2020*

**Simone Maia Guerra**

UCP, FABEL

São João de Meriti – RJ

<http://lattes.cnpq.br/9714682546014889>

**RESUMO:** O trabalho apresentado constitui-se em um estudo sobre o desenvolvimento de um estudante com TEA, na primeira etapa da Educação Básica – Educação Infantil – através de uma pesquisa participativa e num contexto de revisão bibliográfica, objetivando levantar hipóteses, discutir ideias, para um fazer inclusivo, objetivando as demandas pedagógicas, emocionais, sociais e comportamentais. Levar-se-á em consideração também as conversas informais com os agentes da escola, como fonte de alimentação para a escrita desse trabalho. Sobretudo incluir é possível e necessário, oportunizando propostas diferenciadas. O trabalho reforça a ideia de que a equipe pedagógica se coloque na perspectiva daquele que faz parte de seu alunado, estabelecendo estratégias e meios para a aprendizagem. Baseia-se em um estudo de caso real em uma instituição escolar ativa com proposta inclusiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Inclusão.

### A LOOK A AUTISM IN DEFENSE OF LEANING

**ABSTRACT:** The paper presented is a study about the development of a student with ASD, in the first stage of Basic Education - Early Childhood Education - through a participatory research and in a context of bibliographical review, aiming to raise hypotheses, discuss ideas, to make a inclusive, objectifying pedagogical, emotional, social and behavioral demands. Informal conversations with school agents will also be taken into account as a source of nutrition for the writing of this work. Above all, inclusion is possible and necessary, offering differentiated proposals. The work reinforces the idea that the pedagogical team is placed in the perspective of the one who is part of their student, establishing strategies and means for learning. It is based on a real case study in an active school with an inclusive proposal.

**KEYWORDS:** Infantile Education. TEA-Inclusion.

### 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido com base nas observações obtidas na classe regular de ensino, especificamente na Educação Infantil com o intuito de compreender como ocorre a inclusão de um estudante com transtorno do espectro autista. O objetivo é conhecer, discutir e apresentar os caminhos trilhados pelo processo de inclusão de um estudante na educação infantil quanto aos aspectos sociais, cognitivos e recursos disponíveis para uma melhor qualidade no aprendizado do estudante

com transtorno do espectro autista (TEA) na classe regular, pois compactuamos com as ideias de Eugênio Cunha (2013, p.21) “acreditamos em uma educação realista, não conformada, ousada e possível”, portanto é possível sim incluir a criança com TEA. E ainda iremos discutir sobre a formação continuada dos professores que trabalham com a criança autista e no fazer inclusão, sendo muito importante compreender acerca das implicações pedagógicas e utilizar recursos de acessibilidade adequados, para favorecer qualidade de ensino a criança com TEA na escola regular.

A construção do presente artigo é resultado de uma pesquisa de campo diária, mantendo vínculo com a criança e a equipe pedagógica que atende o aluno, possui como objetivo: acompanhar o processo de inclusão de um aluno autista<sup>1</sup>, matriculado na instituição desde o maternal até o pré- Escolar II, além de investigar o processo de propostas pedagógicas cabíveis as necessidades do estudante, as alterações do desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e social promovendo a interação do aluno com a equipe pedagógica.

O projeto intitulado: “um olhar para o autismo em defesa da aprendizagem” teve início no ano de 2016 quando o estudante referente se matriculou na turma do maternal e começou sua trajetória escolar.

Em nossa pesquisa, procuramos promover os encaminhamentos metodológicos em contexto de revisão bibliográfica e em uma pesquisa participativa. De acordo com Fernandes (2007 p. 14) a pesquisa participante “ênfatisa a relação entre o pesquisador e o pesquisado, na busca da superação de um determinado problema enfrentado.”

Foi utilizada a metodologia que consistiu na observação participativa, desenvolvendo diários de campos comprometidos com a análise do processo de escolarização. Além disso, foi utilizada uma rotina de leitura e revisão bibliográfica, estudos e planejamento das ações pedagógicas que foram implantadas e utilizadas, baseadas nas seguintes referências: Mantoan (2015), Orrú (2016), Solomon (2013), Grandin; Panek (2017), Carvalho (2012), Cunha (2013). Os referidos autores também fundamentam e sustentam esta pesquisa.

Nossa metodologia desenvolveu-se em três momentos: 1º observação da sala de aula, 2º registro dos acontecimentos e 3º estudo da base bibliográfica para defesa de levantamentos.

Existe um interesse específico em tentar entender como um estudante autista inclui-se em uma escola regular. Este trabalho busca aprender e/ou discutir, como trabalhar com um projeto singular de inclusão. O objetivo é esclarecer se que uma escola consegue realizar este processo, dando continuidade aos conteúdos/conceitos, sem prejudica-los.

O essencial, neste projeto de pesquisa, não é dar definições prontas e acabadas. O ideal é levantar hipóteses, discutir ideias para realidade atual em que vivemos. Uma escola que pretende ter um foco na inclusão deve ter uma filosofia de trabalho baseada em um projeto pedagógico elaborada para cada criança a partir da consideração minuciosa

1 O sujeito da pesquisa foi o estudante com TEA e para mantermos seu sigilo utilizaremos um nome fictício.

de suas demandas comportamentais, pedagógicas, emocionais, sociais e todas as que compõem.

Neste estudo são abordadas histórias reais de estudantes autistas que fazem parte de instituições de ensino.

## 2 | INCLUIR E POSSÍVEL

A inclusão se firmou com o passar do tempo, por lutas políticas, pedagógicas, sociais, culturais, defendendo o direito a qualidade de vida, a igualdade, na perspectiva de que a educação deva ser para todos. No decorrer da história vemos políticas públicas cada vez mais sólidas quanto à educação inclusiva, em 1994 a Declaração de Salamanca, traz como o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias a educação inclusiva nas escolas regulares, revelando o princípio de que “as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras” (BRASIL, 1994, p. 330).

Hoje defrontamo-nos com um grande desafio, de fazer a inclusão acontecer verdadeiramente em nossas escolas, atendendo as diferenças. De fato, as Instituições de Ensino, por força da lei, têm efetivado matrículas para estudantes com deficiência, porém para que de fato ocorra realmente a inclusão, não basta somente que essas crianças estejam matriculadas e sentadas em uma carteira escolar, são necessárias ações de adaptações as acessibilidades, no prédio, no currículo, nas práticas pedagógicas. Compactuamos com as ideias de Mantoan (2015) quando nos diz:

A perspectiva de formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação da colaboração, da convivência, do reconhecimento e do valor das diferenças, que marcam a multiplicidade, a natureza mutante de todos nós (MANTOAN, 2015, p.16) .

Contudo, se faz necessárias mudanças em nossos projetos educacionais, para que eles se tornem inclusivos e alcance a todos. De certo que a nossa Constituição em 1988, nos orientava que “É preciso tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais”, portanto o princípio de inclusão já nos era proposto antes mesmo da Declaração de Salamanca, incluir é compreender, é busca de espaço. Entretanto, como nos chama a atenção Mantoan (2015, p. 55) “a inclusão pegou as escolas de calças curtas, isso é irrefutável”, mas são necessárias mudanças urgentes a começar pelas próprias propostas pedagógicas das escolas.

O que deixamos claro aqui é que as propostas curriculares implicam a relevância de um planejamento com o objetivo de estabelecer ações para um fazer pedagógico que se atente para as especificidades de cada criança, desconstruindo práticas de segregação, baseadas em um ensino estruturado, pronto, que seja aprisionado em somente a transmissão de conteúdos, onde o aluno deva reproduzir em testes e provas, incluir é

não deixar ninguém de fora, é ensinar a todos mesmo que seja de maneira diferente para cada criança, como nos cita Carvalho “a proposta de educação inclusiva como remoção de barreiras para a aprendizagem e para a participação tem como pressuposto que todos são capazes de aprender. Todos” (CARVALHO, 2012, p. 44).

Passamos por transformações ao longo das duas últimas décadas, assistimos o transformar das políticas públicas em prol de uma educação para todos, em direito à inclusão social. O princípio da educação inclusiva ganhou força com base de políticas educacionais, exigindo a consideração da existência das inúmeras e diversas formas de expressão da exclusão social e da educação escolar como medida que concorra para sua superação.

Iniciemos, então, um debate sobre inclusão. O que segundo Cunha (2016) é um tema muito polêmico e repleto de delicadezas.

Na legislação as mudanças para a inclusão ganham força com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), as instituições de ensino (todas), são recrutadas ao suporte a todas as crianças e solicitadas a acomodar-se para este objetivo.

Em 2001, a resolução CNE/CEB nº 02 (BRASIL, 2001), determinou como procede a adequação ao público com deficiência, definido as Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica, junto a implementação do Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, em 2003. Isto significa que um número considerável de documentos com o “teor didático”, foi publicado, isto garante, ou deveria garantir o acesso à escola com a proposta de inclusão.

Contudo, “fazer a inclusão” é bem mais complexo na realidade; demanda não só do “teor didático”, mas a participação da equipe pedagógica, da família, dos recursos, da comunidade, da própria instituição engrenadas como um relógio em um só propósito.

Incluir é compreender, abranger, um único verbo que envolve tantos outros. Praticar a inclusão é um caminho libertador, uma resposta a este mundo cada vez mais complexo e diversificado. Eis o que emperra o processo de inclusão, em escolas convencionais, os alunos incluídos. Sejam quais forem às dificuldades, de que grau, de que natureza, de nível, elas precisam, antes, serem muito bem compreendidas pelos educadores. Como salienta CUNHA (2016):

Ademais, compreender o ser humano na complexidade do seu ser, dando-lhe condições de integrar-se ao ambiente escolar e fazê-lo ver nas suas habilidades e vê-lo com atributos da cidadania (CUNHA, 2016,p.36).

Uma escola com foco na educação inclusiva funciona perfeitamente de acordo com todos as especificações pedagógicas exigidas pelo Ministério da Educação. Prepara os alunos da mesma forma que todas as escolas convencionais do país. O diferencial está na forma como conduzir o currículo estabelecida na legislação. Incluir é adequar os conteúdos

e as estratégias as necessidades de cada aluno e, à medida que sua aprendizagem caminha, lança-se os próximos desafios.

Paralelamente a isso, abre-se o espaço para a construção de estratégias. Não se trata de fórmula mágica, nem de receitas prontas. Estratégias que disparam novas estratégias e ainda, outras e outras e outras, em um processo enriquecedor e ininterrupto, em que todos aprendem. No ato do “fazer inclusão” planeja-se estratégias de trabalho a cada estudante, na inclusão é garantido o direito a um trajeto escolar adaptado.

O princípio fundamental da escola que faz a inclusão consiste em que todas as pessoas devem aprender juntas, onde quer que seja possível; não importam quais dificuldades ou diferenças elas possam ter. Não adianta estar na escola, garantido por várias leis e continuar excluído.

A busca da inclusão trata-se de caminhar por um modelo em que todos os alunos podem ser verdadeiramente escolarizado e não apenas frequentar um espaço físico. Vamos incluir? Vamos! Mas incluir com singularidade, despertando no aluno uma relação positiva com a escola e com o processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva é necessário que o professor caminhe nessa direção, remova as barreiras e busque uma prática comprometida com a inclusão, para isso não basta pegar na mão e “ajudar” a copiar, as propostas devem reconhecer e valorizar as peculiaridades desta necessidade educativa específica, visando o desenvolvimento da aprendizagem como o centro das atividades.

Nunca devemos esquecer que frequentar a escola é mais do que buscar apenas uma construção acadêmica formal. A escola, e também a “escola inclusiva”: é um ambiente em que as crianças ampliam seus repertórios de convívio social e ampliam as possibilidades de criar vínculos e não podemos fazer isto sem a construção do afeto. Dentro deste fio de raciocínio, é impossível uma criança que passa no mínimo 4 horas por dia na escola, não estabelecer vínculos com seus professores e colegas. Esse é outro caminho por demais relevantes em todo o processo de inclusão: o vínculo.

O professor precisa saber, como está seu aluno, o que ele sente, o que ele pensa. O professor não pode ser meramente um transmissor de conhecimentos, é fundamental uma ação pedagógica, entrelaçando os saberes do estudante e do educador.

Não seria exagero dizer que incluir é um ato de amor, quando existe a tomada de decisão do professor de se colocar à disposição do aluno no processo de aprendizado, gerando cooperação, essa sala de aula deixa de ser só uma soma de crianças e passa a ser canal de inclusão naquela escola, fomentando o envolvimento de todos os alunos nas atividades pedagógicas, tornando-os conscientes do seu papel no processo de ensino e aprendizagem. “A escola inclusiva deve ser um convite ao pensar” (CUNHA, 2016, p. 41).

Somos capazes de termos escolas com essas qualidades, espaços de construção, que ensinam a valorização das diferenças, que ensine pela diferença sem discriminação, que convivam com seus professores, que educam com amor, sem julgamento, que

adotem pedagogia viva, reconhecendo todos como seres humanos, que todos aprendam frequentando uma mesma e única turma.

### 3 | UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO: CAMINHOS INICIAIS DE UM ESTUDANTE COM TEA

O cenário que ocorreu essa pesquisa foi em uma escola regular privada, localizada em um bairro de classe média/baixa, que oferece da educação infantil ao ensino fundamental (anos finais). A escola abriu suas atividades no ano de 2016, ano do início da observação; no qual a escola já nasce com um olhar inclusivo, recebendo em suas matrículas crianças com deficiência ou com transtornos/dificuldades de aprendizagem.

Nesse cenário, compomos a nossa observação: um estudante autista com 03 anos, iniciando em uma escola nova no mercado, com uma professora e uma mediadora<sup>2</sup> em uma turma com 20 alunos.

O aluno Breno na qual carinhosamente chamamos de “BÊ” é uma criança com laudo de Transtorno do Espectro Autista (TEA), chegou na escola com 03 anos completos para frequentar o maternal, naquela ocasião, Breno era o primeiro aluno incluído e talvez por isso seja hoje o mais marcante.

A priori a instituição sentiu muito medo, o que iriam fazer com esse menino? Acreditou-se não estarem preparados, várias e longas reuniões foram realizadas para traçar um planejamento para esse estudante. A equipe pedagógica da escola da qual faço parte, atuando como gestora, contratou uma mediadora que não se identificou com o Breno, ele ficava nervoso com ela, aceitava apenas a professora e a diretora; o primeiro desafio era o de fazer o estudante entrar na sala, e custou-nos um longo exercício de paciência.

“*Cogito, ergo sum*” (Penso, logo existo). A sentença de Descartes defende que o ser humano existe pelo fato de estar pensando, contudo, essa conclusão é suficiente para definir a existência de um ser humano?

Cabe a nós educadores pedagogos, psicopedagogos e outros profissionais, com a preciosa ajuda dos pais, fazê-lo descobrir as suas singularidades, a vive-las, compreendê-las e aceita-las. Trabalhar com a inclusão é perceber que a diferença existe e que dá para preparar essas pessoas para a vida a partir de sua diversidade, desde que a aceitamos e concordemos em acompanhar juntos ser humano no tempo que for necessário.

Penso, logo existo, o ser humano pode até pensar, mas se este ser humano, seja adulto ou uma criança não conseguir expressar, comunicar este pensamento, ele está vivendo de forma completa? Muitas crianças incluídas demandam um período maior para desenvolver-se do que o convencional estabelecido, foi exatamente assim que a instituição recebeu em 2016, o aluno Breno, matriculado na turma do maternal.

Se perguntarmos qualquer pessoa, mesmo que não seja da educação, ela dirá

<sup>2</sup> Professor auxiliar, responsável por apoiar o professor regente dando suporte pedagógico às atividades cotidianas escolares dos alunos incluídos.

que, aprendizagem é adquirir conhecimentos. Deparamo-nos com um aluno para a escola inclusiva que não conseguia, até então, expressar os seus sentimentos. Breno apresentava os seguintes comportamentos: comia do chão, não comia nenhum alimento diferente (frutas, biscoitos, etc.), não conseguia aprender as letras, as cores, não pedia para ir ao banheiro, para ir beber água, usava fralda. O aluno em questão era um menino frágil, em um ambiente novo, nunca visto, com pessoas diferentes, querendo aprender no tempo dele, no ritmo dele, necessitando de uma inclusão real e verdadeira.

Respondendo à pergunta mencionada, “o ser humano pode até pensar, mas se este não conseguir expressar seu pensamento, vive de forma completa?” Creia, insistir nesse tipo de pergunta, é um percurso saudável, um primeiro e importante passo para encerrar o tema inclusão.

O estudante não era oralizado e adorava ficar deitado na sala, gostava de fugir da sala e correr pelo pátio, foi observado, que isso fazia bem para ele. A instituição conseguiu uma outra mediadora, encantadora, agora sim! E ele se apaixonou, houve uma relação de amor mútua, a partir de então podemos enxergar nitidamente a melhora no aprendizado do nosso aluno, já reconhecia as vogais, a professora trabalhava projetos e Breno sempre estava incluído em todos, pintando, rolando, apontado, era muito participativo. Nessa época a escola ainda não havia inaugurado a sala de recursos, e todo investimento era na construção de recursos dentro de sala de aula. Começou aqui então, a sua história em sua escola.

Ano de 2016, apatia, agressividade e agitação, eram seus medidores de ajuda. Aluno difícil? Sim, extremamente. Mas, para a instituição não adiantava reproduzir o mesmo olhar estigmatizado que a sociedade já cruelmente destina a todos eles. Partindo desse pressuposto, a escola, começa a sua busca por uma construção de um repertório mais adequado ao aluno Breno. Neste ano o desafio maior foi trabalhar arduamente no sentido de criar um vínculo afetivo com o aluno e um vínculo que fosse o mais estreito e individualizado possível.

No ano seguinte (2017), o estudante pesquisado, agora com 04 anos, retornou para escola, estava na sala do Pré-escolar 1. Outro exercício de paciência foi exigido, pois, o mesmo, queria continuar na sala antiga. Foi pensado em mudar a turma, pois ele queria continuar em sua antiga rotina, porém foi preciso que o aluno evoluísse e que não ficasse preso na comodidade e para evoluir foi necessário mexer na sua rotina.

Com muita paciência e amor, ele acabou se acostumando com a nova sala, sua mediadora continuou, porém, a professora era nova e tinha muita resistência em lidar com um aluno autista, segundo ela, isso era muito novo; nesse momento foi necessário fazer uma aproximação entre a professora e o estudante, construção de vínculo. Contudo incentivamos a professora a fazer cursos de formação continuada sobre educação inclusiva e especial e aos poucos Breno, foi ganhando seu coração até que a pedagogia do amor aconteceu, e como Freire (1983, p.13) nos diz: “educar é um ato de amor”, e não

seria mentira dizer que a educação inclusiva é um ato de amor. Nosso querido estudante, nesse momento começou a evoluir, foi desfraldado, iniciou a balbuciar algumas palavras, estava ficando mais dentro da sala de aula, e cada vez mais seguro e caminhando para o desenvolvimento da sua autonomia.

Como nos cita Thompson (2014) “as crianças com TEA levam muito mais tempo para processar e compreender totalmente o que se diz a elas” (p.20). Contudo o que foi visto perfeitamente acontecer: a professora pedia para que Breno pegasse a tinta, ele parecia olhar para ela como se não conseguisse entender uma palavra sequer, porém passava um tempo ele buscava, e voltava para suas atividades sem pronunciar nenhuma palavra.

Outra particularidade do Breno, é sua dificuldade de falar, ele não é oralizado, “em suma, as crianças com TEA têm problemas específicos no processamento da fala, principalmente nos sons enunciados em rápida sucessão (THOMPSON, 2014, *apud* BODDAERT *et al.* 2004, p. 80). O fato de Breno não ser oralizado, trouxe uma inquietação sem fim, pois como ensinar e cuidar de uma criança que não expressa em palavras seus sentimentos? Como saber quando quer beber água? Quando estiver com calor? Enfim como identificar coisas simples do dia a dia para ajuda-lo e evolui-lo?

Essas questões incomodavam bastante a professora e a mediadora que não poupava esforços para amenizar essas situações e criar hipóteses de melhoria para sua comunicação, dentro e fora de sala de aula, o que não dispensou a recomendação de uma fonoaudióloga para terapia do estudante.

“Embora pais e professores alcancem sozinhos bons resultados na estimulação da comunicação das crianças, essa eficiência pode ser multiplicada se trabalharem com um fonoaudiólogo experiente em crianças com TEA” (THOMPSON, 2014, p. 92).

No ano seguinte a instituição recebeu um aluno muito diferente, a escola já era nesse momento para ele seu espaço favorito e como ele ama a escola, e não podemos esconder o quanto a escola ama o esse estudante.

Agora no pré-escolar 02 com 05 anos, nosso estudante desfraldado, começa a aumentar seu vocabulário, o mais impressionante foi o amor que tanto o aluno quanto a nova professora tiveram de primeira, foi amor à primeira vista! Um dos grandes ganhos da professora nova foi o fato de ele não sentar para comer e necessitar jogar tudo no chão para depois lambear e comer, e com muito amor e persistência, a professora conseguiu mudar esse comportamento, e ele aprendeu e entendeu que para comer devemos sentar e que não devemos jogar os alimentos no chão, e hoje ele não tem mais esse hábito.

Ficou visível que o aluno, necessitava de acompanhamento nas atividades de vida diária, pois essa era a parte em que ele mais precisava de ajuste e de aprendizado. Muito se tem ainda para construir com o referido estudante, contudo esse trabalho é lento e delicado.

De acordo com Mantoan (2015) “o sucesso da aprendizagem está em explorar

talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno, as dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem nem restringem o processo de ensino, como comumente acontece”. (p.71). O referido estudante tem grandes possibilidades de evolução e acreditamos fielmente nesse princípio e nos apropriamos dele para embasar nosso trabalho.

Somos naturalmente seres sociáveis, nos relacionamos constantemente com família, amigos, colegas de trabalho, dentre outros, porém para algumas crianças com TEA e principalmente para Breno, a socialização ainda é um caminho a percorrer. Constantemente em toda a observação feita, percebemos o estudante em “seu mundo” sem acrescentar nele ninguém, sem a “consciência dos sinais sociais” citado por Thompson (2014), apenas observava as outras crianças brincarem, sem interesse aparente em brincar com elas, talvez quisesse brincar, mais não com elas.

Aprender a observar o que os outros estão fazendo e imitá-los é uma das primeiras etapas do processo de socialização de pré-escolares. Aprender a olhar para o outro e a se concentrar nos olhos dele indica que a criança está prestando atenção na outra pessoa.(THOMPSON, 2014, p.139)

Toda a turma do Pré-escolar 02, ao todo 19 alunos, eram bem participativos e envolvidos com Breno, solícitos a ajuda-lo. Constantemente presenciamos amiguinhos, auxiliando a comer, a fazer atividades, compartilhando brinquedos e Breno aparentemente gostando, porém somente ria e não interagia, algumas vezes repetia as atitudes das crianças e os observava bastante.

Lembramo-nos do que Thompson (2014), diz “observar o outro faz parte do processo de se interessar por eles” (p.139). De acordo com essa hipótese, podemos entender que se iniciou assim, o processo de socialização do estudante pesquisado.

Outro ponto importante para nós aqui nesse momento é a oralidade de Breno, nessa fase, que estava a cada dia melhorando sua fala, agora já estava falando pequenas palavras como: “pirulito”, “mochila”, “água”. Sempre estimulando sua fala, além das terapeutas que nesse ano ele começou a frequentar. Thompson (2014), ilustra tal aspecto:

Pais e professores podem estimular o interesse da criança usando uma peça de roupa incomum, como uma camisa com estampa de animais ou faixa de cor viva no cabelo. Quando a criança nota os animais na camisa, o pai pode dizer: “o que você está vendo?” talvez a criança nomeie os animais que reconhece. Isso dá ao pai a oportunidade de fazer comentários e mais perguntas (por exemplo, “como é que a vaca faz?). Os professores e os terapeutas geralmente carregam um saco de surpresas com objetos interessantes que encantam a criança, como fantoche de dedo bem coloridos, bola colorida, pinha ou prisma de plástico. (THOMPSON, 2014, p.142)

O que o autor demonstra, que através do cotidiano podemos estimular a fala, com uma simples ação do dia a dia. Foi trocado e enriquecido o vocabulário do estudante, e assim tem sido mantida a comunicação mesmo que precária e difícil, Breno tem feito muito

esforço para aprender. Concordamos com o Dr. Gustavo Teixeira (2016) quando diz:

O trabalho do fonoaudiólogo é muito importante na estimulação das habilidades de comunicação verbal e não verbal. Quando corretamente incentivadas, essas crianças apresentam ganhos muito significativos na fala, na linguagem não verbal, na interação social, no ganho de autonomia e na melhoria de sua qualidade de vida e de sua auto estima (TEIXEIRA, 2016, p. 67).

Deixamos claro aqui que a intervenção com terapias de fonoaudiologia é de vital importância para o tratamento da criança autista.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas o fato é que Breno encerrou o ano de 2018 correspondendo as propostas da instituição de ensino. Quando o estudante entrou na escola buscava-se diariamente uma solução para os seus “problemas”. Quando ele vai se alfabetizar? Em quanto tempo vai superar suas dificuldades na comunicação? Quando ele vai se formar? Quando vai prestar vestibular? Mas não vai se formar no tempo regular?

Tempo regular?! O que significa isso no tempo de Breno? Eis aí uma expressão que não combina, de forma alguma, com a palavra inclusão. A inclusão é um direito de toda criança com deficiência, pois inclusão e educação são direitos de todas as crianças e um direito não pode anular o outro, ambos precisam funcionar como um projeto engrenado em prol de um sucesso.

O projeto de pesquisa que conta a história de um aluno de uma escola regular instiga a pedagogia tradicional, pois desenvolveu-se ou deveria se desenvolver em prol da busca da autonomia da aprendizagem.

Reforçando essa ideia e de extrema importância que a equipe pedagógica se coloque na perspectiva daquele que faz parte de seu alunado.

É necessário entender que cada situação é única e requer do profissional atitudes específicas para cada situação. A aprendizagem de qualquer criança é um processo que só acontece quando o sujeito entra na relação. É necessário, para o início da metodologia do aprender a presença de alguém que coloque na condição de ensinar algo enquanto outro alguém, desconhecendo esse algo irá aprender.

Foi fundamental que a determinação. O que é necessário é o comprometimento com Breno. O importante é acreditar em uma escola que constroem vínculos. O autor Eugênio Cunha (2017) destaca que:

A escola deve possibilitar ao discente a sua autonomia. A autonomia – que é uma das metas fundamentais da educação no autismo – faz –se imprescindível em qualquer espaço educativo, com qualquer estudante. (p.118)

Uma escola inclusiva precisa entender a quanto é obrigatório recomeçar sempre. Reavaliar o tempo todo. E importante ter um diagnóstico médico ou psicológico? Sim, é

fundamental, é de extrema importância para alguns objetivos. Contudo, isso não significa que precisamos ficar presos nessa realidade, vide a Nota Técnica 04 (BRASIL, 2014). Este diagnóstico pode ser encarado como relativo e transitório pela instituição, que vai render muito mais com se continuar investindo em seu aluno, com sensibilidade aguçada para perceber se suas intenções e planejamentos estão atingindo objetivos ou ser repensada, através da construção colaborativa do PEI (AVILA, 2015).

O percurso com Breno foi longo até aqui, foram 03 anos em uma atitude proativa de educar, planejar, replanejar e planejar outra vez. Os passos seguintes ainda exigem muito a fazer, nem sempre a estratégia pensada será a mais adequada.

Esse olhar para o desenvolvimento das habilidades, faz com que a instituição de ensino seja mais que uma escola, pois é um ambiente de segurança, de encontro com a aprendizagem. A escola aqui para Breno disponibilizou-se abrir-se para o aluno, sem se despedaçar, ou seja, perder o foco.

Desenvolve-se, portanto, uma relação tão especial, com limites e cuidados. A escola vivia uma apoiadora, pois sua missão vai além do trabalho escolar, ampliando-se para vertentes como o aconselhamento educacional, o apoio afetivo, o suporte emocional e ainda mais, atuando como uma espécie de orientador para toda a família.

É muito gratificante para a escola sentir se capaz de preparar o aluno que em 2016 comia do chão e agora vai cursar o primeiro ano, mesmo com suas dificuldades. O ano de 2019 será desafiante, mas cada conquista no seu comportamento é fundamental.

O passo será sempre de formiguinha, mas a esperança que um dia ele será autônomo e independente é o que motiva a instituição a estabelecer estratégias para a sua conquista.

## REFERÊNCIAS

AVILA, L. L. **O Planejamento educacional individualizado (PEI) para pessoas com deficiência intelectual na Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias (2001 – 2012)**. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar / PPGEduc / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Nota Técnica N°04/2014. **Orientações quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar**. Brasília, 2014. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em dez/2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2011.

BUENO, J. G. S. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC, 1993.

CARVALHO, R. E. A escola inclusiva como a que remove barreiras para aprendizagem e para participação de todos. In: GOMES, Márcio (organizador). **Construindo as Trilhas para a Inclusão**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CUNHA, E. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar-ideias e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 7ª edição. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2017.

\_\_\_\_\_. **Práticas Pedagógicas para inclusão e diversidade**. 6ª ed, Rio de Janeiro: Wak editora, 2016.

FERNANDES, E. M. Construindo um hospital hospitaleiro: acolhendo a família. In: **Anais do III Encontro Encontro Nacional e I Encontro Baiano sobre Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar**. Salvador, 2004, p.30-40.

FREIRE, P; FREIRE. A.M.A. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ed. UNESP. 2001 a. Coleção Educação e mudança vol.1.9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GLAT, R.; & BLANCO, L. de M.V. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT,R. Org.). **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 15-35, 2011.

GRANDIM, T. **O cérebro autista**: pensando através do espectro. 7ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2017.

GOERGEN, M. S. Sobre diagnóstico em transtorno do espectro autista (TEA): Considerações introdutórias à temáticas. In: SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2013

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

ORRÚ, S. E. **Aprendizes com autismo**: aprendizes por eixos de interesses em espaços não excludentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília, DF/2001.

QUIRÓS, J.B. e GUELER, F.S. **La comunicación humana y su patología**. Buenos Aires: Centro Médico de Investigaciones Foniátricas y Audiológicas, 1966.

SALOMON, A. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

SCHMIDT, C. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

TEIXARA, G. **Manual do Autismo**. 2ª edição, Rio de Janeiro: BeestSeller, 2016.

THOMPSON, T. **Conversa franca sobre autismo**: Guia para pais e cuidadores. São Paulo: Papirus, 2014.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

ABP 82, 83, 84, 85, 87, 88

Aplicativo 144, 235, 236, 237

Aprendizagem 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 19, 21, 22, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 63, 65, 70, 71, 74, 76, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 102, 106, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157, 170, 172, 175, 178, 180, 183, 184, 185, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 228, 229, 230, 231, 233, 238

Avaliação educacional 1, 2, 4, 10, 210

Avaliação escolar 206, 215, 220

### B

Base nacional comum curricular 12, 14, 20, 113, 116, 118, 130, 153, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 181, 192

### C

Campo de estudos da avaliação 1

Ciências 22, 51, 55, 59, 65, 89, 112, 117, 145, 148, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 204, 217, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 253

Cientometria 49, 50

Conhecimentos tradicionais 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Conteúdos 3, 10, 13, 15, 18, 19, 20, 38, 39, 40, 66, 70, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 99, 102, 103, 105, 107, 108, 110, 116, 140, 142, 147, 148, 149, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 188, 189, 191, 196, 197, 210, 214, 217, 218, 223, 227, 228, 229, 230, 231

Criacionismo 221, 227, 228, 229, 232

Crianças e adolescentes 134, 210, 235, 236, 239

Cultura *in vitro* 247

Cultura primária 23, 24

Currículo 2, 6, 8, 31, 33, 39, 40, 89, 115, 117, 120, 130, 137, 138, 139, 142, 148, 149, 151, 186, 192, 193, 195, 197, 204, 209, 211, 212, 217, 220, 228, 230, 231

## D

Desenvolvimento 2, 5, 6, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 31, 32, 35, 37, 38, 41, 44, 47, 49, 50, 52, 55, 64, 72, 79, 80, 86, 87, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 139, 142, 147, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 170, 172, 175, 179, 186, 187, 190, 191, 193, 195, 199, 202, 203, 217, 218, 227, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 247, 248, 249, 250, 251, 253

Dificuldade de aprendizagem 132, 133, 134, 135

Dificuldade em matemática 63

Dimensões de conhecimento 171, 172, 176, 177, 181

## E

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 64, 65, 68, 80, 81, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 204, 205, 208, 210, 211, 212, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 236, 238, 239, 253

Educação básica 12, 15, 20, 22, 37, 40, 50, 100, 101, 102, 104, 105, 116, 117, 118, 128, 130, 136, 147, 153, 172, 175, 181, 186, 188, 192, 193, 194, 219, 225, 226, 230, 231, 233, 253

Educação de infância 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 168, 169, 170

Educação física 89, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183

Educação indígena 146

Educação infantil 37, 42, 47, 97, 98, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 170, 192

Educação matemática 143, 146, 192, 253

Ensino-aprendizagem 63, 74, 83, 87, 91, 93, 96, 97, 102, 140, 141, 144, 151, 180, 193, 194, 207, 212, 228, 230, 231

Ensino colaborativo 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

Ensino fundamental 13, 42, 74, 88, 99, 100, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 112, 115, 116, 117, 132, 133, 134, 140, 153, 175, 182, 186, 188, 189, 192, 194, 196, 197, 198, 219, 223, 229, 233

Escola pública 3, 10, 12, 13, 106

Etnomatemática 146, 147, 151, 152, 153

Explante 247, 250

## **F**

Formação continuada 38, 43, 91, 123, 127, 136, 146, 147, 148, 149, 153, 189, 232

Formação de professores 10, 100, 112, 137, 138, 139, 141, 142, 150, 205, 225, 233, 253

Formação profissional 50, 63, 98, 230

## **G**

Gerações de avaliação 1, 8

Gestão de espaços 155

Grupos de pesquisa 49, 50, 51, 52

## **I**

Incidente crítico 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62

Inclusão 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 48, 138, 142, 167, 182, 232, 237

Informática educativa 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Interdisciplinaridade 82, 83, 84, 87, 88, 89, 187, 188, 213

Intervenção 7, 18, 46, 91, 92, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 111, 143, 155, 159, 168, 169, 170, 175, 178, 180, 181, 199

## **L**

Lúdico 95, 126, 184, 185, 190, 191, 192, 193, 197, 236, 238

## **M**

Marketing de eventos 53

Mediação 1, 2, 4, 6, 10, 33, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 123, 183

Metodologia 6, 14, 21, 22, 31, 38, 46, 51, 53, 54, 57, 58, 65, 66, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 101, 102, 103, 107, 108, 110, 113, 120, 134, 139, 142, 182, 183, 185, 190, 192, 195, 197, 198, 204, 240, 250

Metodología cualitativa 23, 24, 29

## **P**

Pandemia da covid-19 12, 115

PIBID. Metodologias de ensino 99

Plantas 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 249, 252

Poder simbólico 206, 207, 208, 214

Práxis 3, 5, 6, 10, 11, 36, 147, 229

Produção científica 49, 50, 51, 231

Projeto de vida 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21

## **Q**

Quebra-cabeça digital 235, 237, 238, 239, 240, 241, 245

## **R**

Recursos pedagógicos 155, 162, 168, 169, 191

Religião 179, 221, 226, 227, 228, 232

Ritalina 132, 133, 134, 135, 136

## **S**

Sala de aula 7, 9, 19, 32, 34, 35, 36, 38, 41, 43, 44, 63, 64, 70, 72, 74, 78, 79, 80, 82, 85, 95, 96, 97, 98, 106, 123, 124, 128, 140, 147, 149, 150, 151, 153, 180, 184, 185, 190, 191, 192, 197, 206, 207, 209, 210, 219, 221, 225, 226, 228, 231, 233

Satisfação do consumidor 53, 57, 58, 62

Significado 74, 90, 91, 95, 97, 124, 126, 150, 199, 209, 211, 217, 223, 231, 238

Sofrimento psíquico 235

Sucesso-fracasso escolar 206, 207

## **T**

TEA 37, 38, 42, 44, 45, 48, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Teoria da evolução 221, 227, 228, 230, 231

TIC 195, 196

Transtorno do espectro autista (TEA) 37, 38, 42, 48

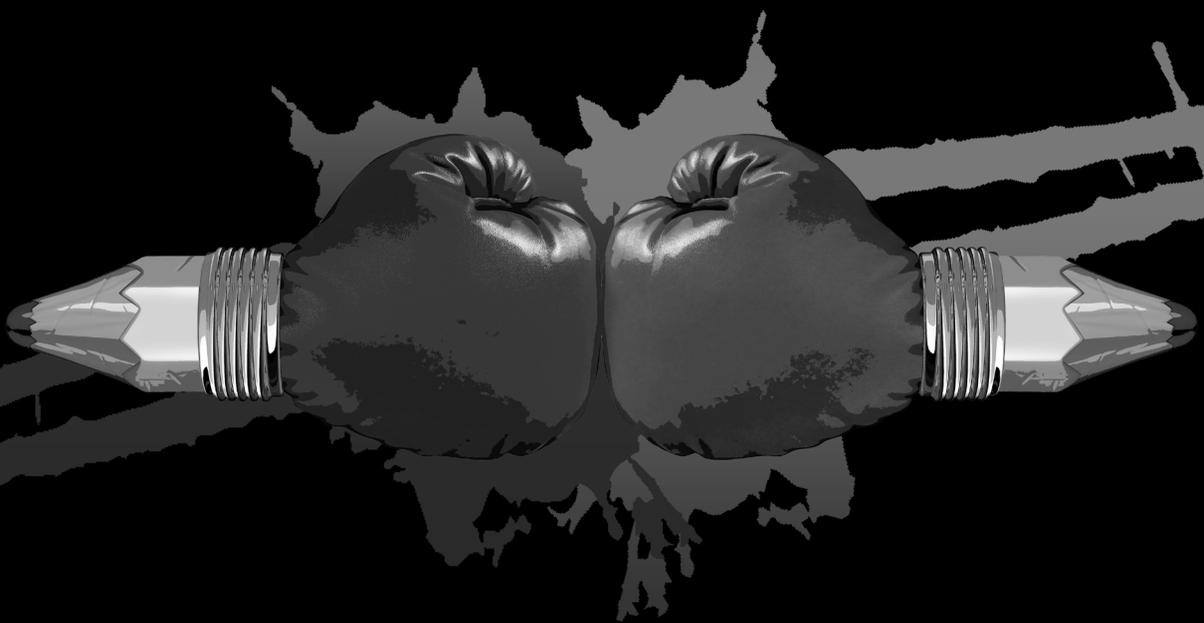
## **W**

*Webquest* 195, 205

## **Z**

Zoologia de invertebrados 184, 185, 187, 188, 189, 190, 192

# O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 4



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

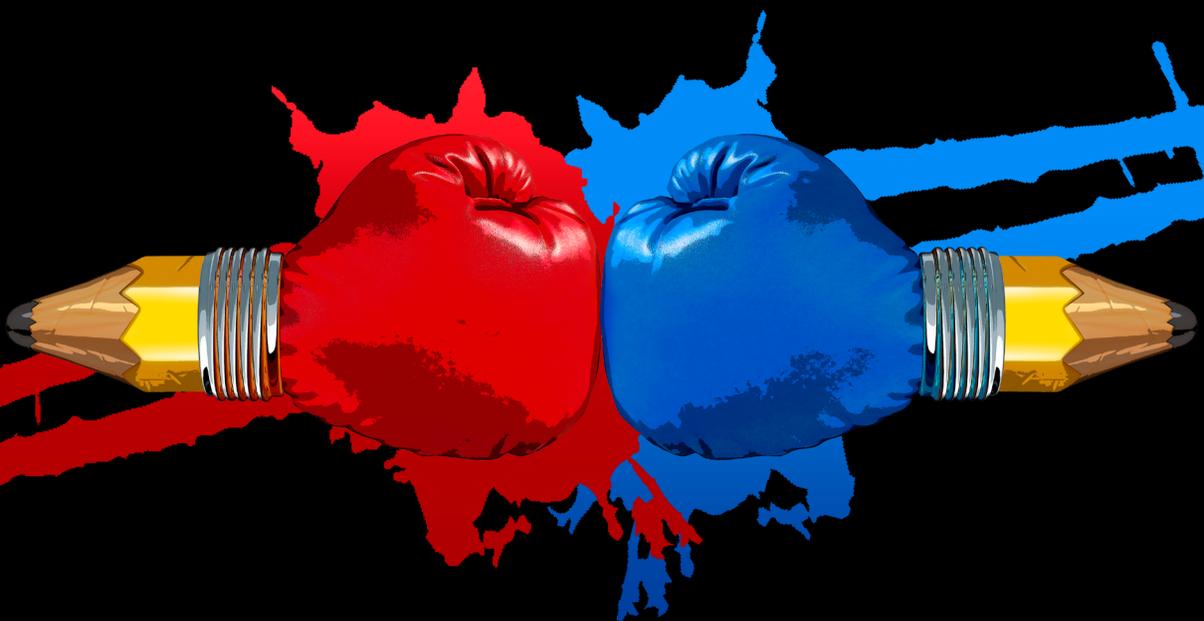
📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora

Ano 2021

# O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 4



- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021